

A Paixão

Marcus André Vieira

A Paixão, novo livro de Marcus André Vieira, lançado há pouco pela Zahar, faz sequência na coleção Passo a Passo.

Marcus demonstra, de novo, a habilidade de transmitir conceitos psicanalíticos, tantas vezes nada palatáveis, num estilo de conversação com o leitor.

Em contraponto à concepção científica e avaliadora do afeto, o autor faz concorrer a ética da psicanálise. Toma o afeto como, essencialmente, Paixão e estabelece, a partir daí, o trabalho a que se propõe a clínica psicanalítica.

Num mundo onde o Outro é quase quimera, mas que possui expedientes, a paixão, este descabido que portamos, ou será domesticado ou reduzido ao cansaço do estresse, a tensões acumuladas que, numa bicicleta, ou numa pílula da hora, se podem aliviar. Ou ainda, tornando-a pública com o artifício de algum rito, por isto mesmo admissível, bastando que para isto todos joguem o jogo. Manobra que descortina a passagem exigida de qualquer singularidade aos “papéis propostos”.

Marcus então se pergunta o que se faz numa análise com este excesso, este monstro que habita nossa pele e nos angustia. “Por definição, os objetos *a* são os fragmentos angustiantes, pois fazem parte daquilo que gravita em torno do eu, tirando-o do centro e dissolvendo-o.”

Lançando mão, então, das canções de nossos melhores, e de alguns dos melhores poetas, Marcus se avizinha com facilidade da conexão tão almejada entre psicanálise e arte. Lê o que Bandeira escreve em seu Porquinho- da- Índia, facilitando para o leitor a resposta à pergunta que ele próprio se faz. O porquinho de Bandeira é o monstro, o excesso, a paixão, avessados em bichinho, que ainda assim, sustenta seus poderes de ruptura e causa surpresa.

Não é um trabalho comum, do senso comum, o que se faz numa análise. A falta a ser do sujeito, o algo a mais que sustenta a paixão, que sustenta o excesso é recoberto pelo significante, que mesmo não sendo conhecimento é um saber. Saber por ser letra que ecoa no corpo, marcando-o em cicatriz. Com esta marca singular que será bendita, o sujeito não sairá de uma análise de mãos vazias. As coisas mudam de lugar, o sentido emprestado à vida como sofrimento impresso principalmente pelo Outro, dança. Dança uma dança das cadeiras, onde só restará uma, a da cicatriz, com o que o sujeito poderá inventar uma nova dança e rir um pouco. “O riso inevitável diante do fora do esquadro da existência, irônica satisfação com essa grande colagem surrealista que seguimos compondo”.

Sandra Viola